

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA E
HISTÓRIA NACIONAL

BIANCA FERREIRA NEUDORFF

**UMA CONVERSA ENTRE O JÓ BÍBLICO E O PERSONAGEM DE DESENREDO JÓ
JOAQUIM DE GUIMARÃES ROSA**

CURITIBA - PR

2016

BIANCA FERREIRA NEUDORFF

**UMA CONVERSA ENTRE O JÓ BÍBLICO E O PERSONAGEM DE DESENREDO JÓ
JOAQUIM DE GUIMARÃES ROSA**

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional, Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, para obtenção do título de Especialista.

Orientador: Prof. Dr. Rogério Caetano de Almeida

CURITIBA - PR

2016

BIANCA FERREIRA NEUDORFF

**UMA CONVERSA ENTRE O JÓ BÍBLICO E O PERSONAGEM DE DESENREDO JÓ
JOAQUIM DE GUIMARÃES ROSA**

Esta monografia foi julgada e aprovada como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista, do curso de Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional do Departamento de Linguagem e Comunicação (DALIC) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Curitiba, 6 de dezembro de 2016.

Prof. Dr. Rogério Caetano de Almeida - UTFPR

Orientador

Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima - UTFPR

Prof. Dra. Maurini de Souza

Avaliador

A folha de aprovação assinada encontra-se na Coordenação do Curso.

RESUMO

NEUDORFF, Bianca Ferreira. Uma conversa entre o Jó bíblico e o personagem de Desenredo Jó Joaquim de Guimarães Rosa. 2016. 28 f. Monografia (Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2016.

Esta pesquisa tem como objetivo evidenciar a intertextualidade e o diálogo presente na obra “Desenredo”, de Guimarães Rosa, fazendo uma junção com o “Livro de Jó”, da Bíblia. Procuramos evidenciar o diálogo entre as obras, buscando relacioná-las na pesquisa literária. Com isso, pretende-se mostrar a ligação existente entre o Jó bíblico e Jó Joaquim, personagem de “Desenredo”, evidenciando como estes dois personagens se completam, como trocam existências, concepções, difundem vivências.

Palavras-chave: Literatura brasileira. Intertextualidade. Bíblia. Guimarães Rosa.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1. OBRAS, AUTOR E PERSONAGENS.....	8
1.1. ESCRITOR JOÃOZITO.....	8
1.2. A VIAGEM DE JOÃO GUIMARÃES ROSA AO INTERIOR E SERTÃO DE MINAS GERAIS.....	10
1.3. O LIVRO TUTAMEIA – TERCEIRAS HISTÓRIAS.....	10
2. DESENREDO – A ESTÓRIA DE PROVAÇÕES: DO HOMEM E DA VIDA...12	
3. LIVROS SAPIENCIAIS.....	18
3.1. O QUE SÃO LIVROS SAPIENCIAIS?.....	18
3.2. VIDA DE JÓ: SUAS PROVAÇÕES, TRANSFORMAÇÕES E SEUS APRENDIZADOS.....	19
4. A INTERTEXTUALIDADE PRESENTE NA OBRA DESENREDO.....	22
4.1 E PÔS-SE A FÁBULA EM ATA X CONTOS SAPIENCIAIS.....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS.....	28

INTRODUÇÃO

A presente monografia tem como objeto de estudo a obra de João Guimarães Rosa “Desenredo”, que faz parte do livro *Tutameia - Terceiras Estórias*, lançado em 1967. O livro em questão veio para quebrar o estilo em que Guimarães Rosa vinha escrevendo. São 40 contos em ordem alfabética, extremamente curtos e sucintos, mas muito profundos. O livro foi publicado meses antes do falecimento de João Guimarães Rosa.

O conto “Desenredo” trata da vida de Jó Joaquim, suas provações perante a vida, como todos os seus desafios com um amor impossível, e suas tomadas de decisão perante os problemas que aparecem em seu caminho, como ter que amadurecer e se desenvolver. Em meio a tudo isso, Jó se mostra um homem simples que está tentando levar sua vida da melhor maneira possível.

O conto apresenta também intertextualidade, que se faz presente na obra de Guimarães Rosa com “Desenredo” (ROSA, 1967, P. 38-40). Jó Joaquim se entrelaça com a personagem Jó da Bíblia. Essas obras podem tanto se complementar quanto se tornarem opostas. Os personagens Jó Joaquim e o Jó bíblico possuem traços e trajetórias de vida muito parecidos. A análise desses textos literários é fundamental para compreender melhor as próprias obras e o contexto literário em que elas estão situadas.

Os problemas a serem respondidos são: quais são as principais marcas de intertextualidade presentes em “Desenredo”? Quais são as semelhanças e as diferenças entre as personagens Jó e Jó Joaquim? As obras se completam ou não? A leitura de “Desenredo” é afetada por uma leitura da Bíblia?

A relevância desta pesquisa está em entender a intertextualidade e pensar as múltiplas possibilidades de duas obras de campos tão diferentes, analisando os textos a partir de um viés não convencional. Isso é fundamental para o desenvolvimento da percepção literária.

Entre os objetivos estão: caracterizar a forma como a intertextualidade se dá na obra “Desenredo” e o “Livro de Jó”; analisar a construção dos personagens nas suas respectivas individualidades e no seu plural; identificar traços comuns de ambas as obras; interpretar as personagens singulares em seus devaneios corriqueiros e provações; explicar como e por que cada obra em sua individualização pode ser pensada no singular e no plural e na sua

intertextualidade; traçar uma interpretação de ambas as obras dentro de seus contextos filosóficos e sociológicos.

Esta pesquisa foi desenvolvida a partir do embasamento teórico e levantamento bibliográfico, utilizando teóricos como Walter Benjamin, em *Magia e Técnica, Arte e Política*, e Antonio Candido, com *O Homem dos Avessos e Tese e Antítese*.

1. OBRAS, AUTOR E PERSONAGENS

1.1. O ESCRITOR JOÃOZITO

"Quando escrevo, repito o que já vivi antes.
E para estas duas vidas, um léxico só não é suficiente.
Em outras palavras, gostaria de ser um crocodilo
vivendo no rio São Francisco. Gostaria de ser
um crocodilo porque amo os grandes rios,
pois são profundos como a alma de um homem.
Na superfície são muito vivazes e claros,
mas nas profundezas são tranquilos e escuros
como o sofrimento dos homens"
(Guimarães Rosa)

João Guimarães Rosa nasceu em 27 de junho de 1908, em Cordisburgo, cidadezinha no interior de Minas Gerais. A composição do nome traz consigo "cordis" (do latim, coração) e "burgo" (do alemão, cidade), ou seja, Cidade do Coração. É uma cidade pequena que abrigava histórias incríveis do pequeno menino Joãozito, como era chamado pela família. Como o próprio Guimarães Rosa conta em entrevista a Günter Lorenz, em 1965: "Minha biografia, sobretudo minha biografia literária, não deveria ser crucificada em anos. As aventuras não têm tempo, não têm princípio nem fim. E meus livros são aventuras: para mim, são minha maior aventura" (ROSA, 1995, p. 30).

Ainda nesta entrevista, Guimarães Rosa traz um pouco de sua infância: "[...] nasci em Cordisburgo, uma cidadezinha não muito interessante, mas para mim, sim, de muita importância. Além disso, em Minas Gerais; sou mineiro. E isto sim é o importante, pois quando escrevo sempre me sinto transportado para esse mundo: Cordisburgo" (ROSA, 1995, p. 30).

Guimarães Rosa, autodidata desde pequeno e estudante de diversas línguas, menino solitário, que por vezes preferia ficar em seu quarto a brincar fora de casa de bola ou pipa, gostava do seu mundo, a literatura. Os livros o

fascinavam, transportavam-no para outros lugares. Ele conhecia pessoas novas em cada livro, personagens, estórias, e isso o fazia viajar para bem distante.

Joãozinho se mostrava um menino prodígio: aprendeu várias línguas de maneira autodidata. Seus pais perceberam que ele deveria ir para a cidade grande estudar, que um futuro melhor o esperava. Depois de formado em medicina, fez vários trabalhos voluntários como médico, inclusive foi chamado a Barbacena para atuar como Oficial Médico do 9º Batalhão da Infantaria, além de fazer várias consultas em casa; por muitas vezes não cobrava. Mas ele não gostava e não se via como médico – queria curar as pessoas com suas palavras poéticas e com suas estórias, não com medicamentos.

Guimarães Rosa só teve contato com o sertão e seus elementos quando se mudou para Itaúna, município de Minas Gerais. Rosa tinha verdadeiro orgulho, admiração e entusiasmo em relação aos curandeiros do sertão mineiro. Em sua viagem, percebeu com muita observação todos os detalhes, todos os aspectos dos curandeiros. Para Rosa, eles sim eram os verdadeiros médicos.

Muito tempo depois, conheceu sua segunda esposa, Aracy. Os dois foram para Hamburgo, Alemanha, onde Rosa exerceria sua profissão de diplomata na época em que ocorria a Segunda Guerra Mundial. Numa ação humanitária, Rosa ajudou os judeus a fugir do país e do nazismo, ao expedir visto diplomático para eles.

O escritor produziu obras intensas, completas e acima de tudo praticamente intraduzíveis. O escritor traz seu contexto, com figuras de linguagem, conteúdos que nos fazem entrar no sertão mineiro, com diversos neologismos, ou seja, nesse entendimento, é difícil produzir uma tradução de seus escritos. Rosa sempre teve ligação com o místico e espiritual, pode-se perceber isso em várias de suas obras e lógico analisando sua biografia.

Guimarães Rosa havia enviado sua candidatura para a Academia Brasileira de Letras duas vezes e ganhou sua cadeira da segunda vez em que se inscreveu. O escritor adiou a celebração de posse por quatro anos, por ter medo de estar muito emocionado. Quando decidiu definitivamente assumir sua cadeira, em seu discurso todos percebiam o tom da despedida. Três dias depois,

em 19 de novembro de 1967, Guimarães Rosa faleceu no Rio de Janeiro. Sua morte é tão misteriosa quanto sua vida literária.

2.2 A VIAGEM DE JOÃO GUIMARÃES ROSA AO INTERIOR E SERTÃO DE MINAS GERAIS

Desde a época em que era pequeno, Guimarães Rosa era fascinado pelo sertão: sua terra árida, o canto das senhoras em procissão e romaria, os pássaros e seus cantos simbólicos, cada detalhe de cada ave rara ou comum, cada bicho selvagem ou dócil. Saiu em caminhada, em maio de 1952, com vários vaqueiros pelo sertão de Minas Gerais, onde pôde ver cada detalhe. Levou consigo um caderno onde anotou absolutamente tudo que ouviu, viu e sentiu, e assim trouxe matéria-prima para inúmeras obras.

Dessa viagem ao sertão de Minas nasceram vários livros, como *Grande Sertão: Veredas*, *Corpo de Baile e Tutameia*. Trata-se de obras que carregam uma mensagem, visão e um peso extremamente grande e amplo, dada a sua intenção, detalhes e sua própria carga simbólica.

João Guimarães Rosa nesta viagem ao sertão tinha colegas junto dele, e desses colegas o vaqueiro Zito foi o que mais o ajudou, deu inúmeras informações, vários ensinamentos sobre aquele lugar, sobre o que eles estavam vendo ali naquele momento. Ele foi uma grande inspiração para Rosa, um grande mestre.

1.3 O LIVRO TUTAMEIA – TERCEIRAS ESTÓRIAS

O conto “Desenredo” faz parte do livro *Tutameia – Terceiras Estórias*, publicado em 1967. O livro surge de uma mudança que o escritor Guimarães Rosa teve em seu modo de escrever, pois antes deste livro de contos, Rosa escrevia contos longos e densos. Com *Tutameia* existe essa mudança, a vontade de continuar com sua densidade, mas diminuir o tamanho de cada obra, dando ênfase a sua essência. O livro é composto de 40 contos extremamente

curtos e classificados por ordem alfabética e com grande capacidade de composição.

O modo de escrita de Guimarães Rosa é por vezes muito especial, com sua forma clássica e erudita, mas ao mesmo tempo moderna. Suas obras são enigmáticas, precisamos estar de corpo e alma para entender e decifrar seus escritos, como também precisamos nos entregar para ler sua obra com exatidão do que é possível, ou seja, Guimarães Rosa deixa em aberto para múltiplos imagináveis entendimentos de sua obra, que assim quase ficam em aberto. Guimarães Rosa utiliza de ritmo, aliteração e imagem para criar uma prosa mais poética, e fica na demarcação entre estas duas. “Tinham de o rever inteiro, do curso ordinário da vida, em todas as partes da figura — do dobrado ao singelo” (ROSA, 1985, p. 15).

Neste livro percebe-se a grande capacidade de Guimarães Rosa de sua simplicidade, de trazer assuntos tão carregados e difíceis para o cotidiano e com a inocência de uma criança, com questionamentos tão profundos sobre Deus, o homem, e até mesmo a si próprio. Rosa utiliza muito o efeito de reflexão, de utilizar um simples acontecimento para nos fazer pensar sobre a nossa própria realidade, aquela realidade do conto se transporta e nos ensina sobre nós, sobre a vida, sobre a própria literatura, sobre até mesmo Rosa.

Sobretudo, vê-se a literatura de Rosa como uma distinção, como uma inserção da literatura nos problemas atuais, trazendo também problemas políticos, fazendo uma denúncia das desigualdades e injustiças sociais. Traduzindo o silêncio de inúmeros sertanejos e dando voz focando nos problemas sociais.

E assim aplicam-se a todos os contos essas características, como indagações, concebendo intuições filosóficas em sua obra, com essa grande conexão com o interior do homem Guimarães, tratando de assuntos como morte, vida, e toda essa experiência mística que nós temos de uma forma poética quase até mesmo cantada e encantada.

2. DESENREDO – A ESTÓRIA DE PROVAÇÕES: DO HOMEM E DA VIDA

“Desenredo” trata da história de um homem jovem, Jó Joaquim, muito digno e preocupado com que imagem ele passa para a sociedade. Por isso, procura ser honesto e sempre transparente. Entretanto, ele se apaixona por uma mulher casada, Virília, e a paixão que sente é tão forte que transpassa esse homem íntegro e o faz cometer adultério. A partir desse momento, Jó Joaquim se torna uma personagem mais profunda e com segredos. A personagem principal junta-se a Virília em um par romântico quase impossível, pois inúmeras situações acontecem, como a nova traição de Virília, mostrando a Jó que este deve viver sozinho. Ele então se retira ao franciscanato.

Após um período “curado” desta paixão e sair do franciscanato, ele reencontra Virília e novamente passa por um período de provação em que não resiste e volta para sua amada. Ainda que a sociedade o julgue, ele afirma que a mulher nunca o traiu e que sempre fora feliz. Como vemos no trecho de “Desenredo”:

Pois, produziu efeito. Surtiu bem. Sumiram os pontos de reticência, o tempo secou o assunto. Total o transato demanchava-se, a anterior evidência e seu nevoeiro. O real e válido, na árvore, é a reta que vai para cima. Todos já acreditavam. Jó Joaquim primeiro que todos (ROSA, 2000, p. 49).

“Desenredo” tem uma linguagem muito poética, muito lúdica, carregada de enigmas, complexidade e conceitos cheios de significados. Mas não cabe ao leitor, que João Guimarães Rosa chama de descobridor, apresentar este enigma, mas cabe sim a este mesmo leitor descobrir o que o incomoda, qual é a interpretação deste conto poético lhe parece mais interessante.

Guimarães Rosa começa o conto “Desenredo” com “Do narrador seus ouvintes”, ou seja, ele vem nos contar essa história, isso pode ser analisado com a referência de imagem de alguém nos trazendo a oratória antiga, sentados em roda, como uma simples conversa, dado que no conto não fica explícito o tempo em que a história se passa, apenas vemos que no início do conto predominam os verbos de ações no passado e que depois ele vem a ser e narrado. Ou seja, pensando por esse lado, pode se entender que o conto é atemporal, os fatos

predominam o conto, eles são importantes e imprescindíveis e não o tempo em que se incide.

Quando analisamos somente o nome de Vilíria de todas as suas variações, como: Rivília, Irlívia, Livíria, temos muitas sílabas significativas como foi salientado acima; as obras de Rosa são cheias de simbologia. Temos as sílabas: “ir”, “vir”, “vil”, muito presentes em seu nome, “ir e vir” pode representar justamente as idas e vindas da moça, mesmo no início do conto, quando ainda não sabíamos quem ela era. Rosa já dava pistas, de que ela não era linear, ela era efusiva e inconstante. Com a sílaba “vil” temos uma análise mais pesada, pois foi ela quem apresentou o pecado da traição para Jó, porém, Jó seria vil e mundano também.

No segundo parágrafo deste conto, Rosa escreve: “e Jó Joaquim pegou o amor”. Com esse modo de escrita, parece que Jó Joaquim contraiu uma enfermidade, e talvez o escritor já queira nos preparar para o que será um desastre amoroso, pois esse amor, apesar de ser abstrato, trouxe dores profundas que realmente se assemelham a uma doença física.

Outra característica presente é a base telúrica com que o escritor utiliza a cor local. Vemos nesta obra um povo interiorano, um local mais retirado, interior e o seu modo de falar, de agir e de julgar as marionetes da estória. Como vemos nesses trechos retirados de “Desenredo”, o povo aplaude, participa, julga, observa e opina sobre todo esse desenredo e isso nos aproxima da obra como se estivessem no mesmo patamar que nós leitores que observamos, julgamos e sofremos juntos com os personagens. “[...] e as aldeias são alheias à vigilância [...] Tudo aplaudiu e reprovou o povo, repartido [...]. Todos já acreditavam. Jó Joaquim primeiro de todos” (ROSA, 2000, p. 48).

Uma característica muito presente no conto é a sinestesia, que é a associação de um sentido a outro, é uma experiência individual, principalmente porque ela se altera de indivíduo para indivíduo. O recurso que o escritor utiliza com a sinestesia é necessário para traduzir alguns sentimentos, como os de Jó Joaquim por Virília, e também para embasar algumas ações das personagens. Podemos perceber este recurso em trechos como: “Nela acreditou, num abrir e não fechar de ouvidos”. E também: “Ele queria os arquétipos, platonizava. Ele era um aroma” (ROSA, 2000, p. 49).

Neste momento, parece que o escritor retrata o impossível: “Todo abismo é navegável a barquinhos de papel” (p. 48), mas talvez esse impossível seja possível, pois em se tratando do amor que Jó sente, traz o impraticável mais próximo, quase tocável. Outro trecho que podemos interligar é o seguinte: “Esperar é reconhecer-se incompleto” (p. 48). Ou seja, enquanto Jó espera para poder aproveitar e saborear aquele amor com Virília, ele se sente incompleto, quase inexistente.

Ao desenrolar do conto, Jó Joaquim vai para o franciscanato e consegue se recuperar daquela enfermidade amorosa, porém Virília retorna, e vemos que “Nela acreditou, num abrir e não fechar de ouvidos” (p. 49). Ou seja, escutou-a, acolheu-a e não parou para pensar em tudo o que aconteceu para refletir: deu logo um jeito de ignorar o passado e reconstituir esse amor proibido. Aqui temos a experiência da sinestesia, pois cada pessoa sente de uma forma. Porém, Rosa usa a palavra “mas” para dar uma quebra no fluxo de leitura, e transmitir que algo aconteceria, e aconteceu, Virília trai Jó Joaquim, que a pegou de surpresa: “Jó Joaquim foi quem a deparou, em péssima hora: traído e traidora” (p. 48). Assim, Jó Joaquim manda Virília embora, a ignorado acaso.

Desenredando a estória, João Guimarães utiliza novamente a ferramenta de quebra de fluxo, porém dessa vez a palavra é “mais”, querendo comunicar que algo a mais mudaria aquele rumo desconhecido. E isso ocorre: Jó se arrepende de ter posto a esposa para fora, ele criava uma nova mulher, e tentava se convencer de que Virília nunca o havia traído. “De sofrer e amar, a gente não se desfaz. Ele queria os arquétipos, platonizava. Ela era um aroma. Nunca tivera ela amantes! Não um. Não dois. Disse-se e dizia isso Jó Joaquim” (p. 49).

Outra parte interessante para análise é “O que fora tão claro como água suja. Demonstrando-o, amatemático, contrário ao público pensamento e à lógica, desde que Aristóteles a fundou” (p. 49). Ou seja, as certezas que Jó Joaquim tinham eram ilusões, eram inventos de seu coração tão marcado pelo sofrimento. Ele se tornou até mesmo ilógico, sem razão, se tornou cem por cento coração e deixou-se levar pelas emoções, estas que começaram a comandar sua vida que, no caso, estava sem comandos.

Como Antonio Candido analisou a obra de Guimarães em *Tese e Antítese*, concluiu que o mundo de Rosa se trata de observação dele e nossa. Em “Desenredo” é necessária muita observação, porque o escritor brinca com as

palavras é como se ele degustasse cada sílaba. E com isso temos que ser observadores e degustar também suas palavras, entender sua simbolização. Na obra roseana até mesmo uma palavra depende de todo um contexto.

Cavalcanti Proença mostrou como Guimarães Rosa penetra no miolo do idioma, alcançando uma espécie de posição-chave, a partir da qual pôde refazer a seu modo o caminho da expressão, inventando uma linguagem capaz de conduzir a alta tensão emocional da obra (CANDIDO, 1964, p.122).

O próprio nome do conto nos sugere que “Desenredo” vem de desenredar, é como se o narrador estivesse alinhando a meada cheia de nós e o conflito dessa estória. Vemos o narrador tecer, formar uma teia para nos entregar esta estória, ela vai sendo construída aos poucos; ficamos sabendo dos detalhes conforme a estória vai se aprofundando, o próprio narrador sofre as imperfeições da história, esperando o tempo passar, discursando sobre as provações de Jó Joaquim, e entendendo e nos fazendo compreender o lado de cada parte da estória. No início da estória não sabemos em que momento passado, presente ou futuro ela está; descobrimos isso no aprofundamento da narrativa.

Em “Desenredo”, as personagens possuem suas próprias características de maneira mais densa. Assim sendo, cada uma alcança sua personalidade, mas elas vão “desmontando”, se diluindo e assim podemos ter mais intimidade ao longo do desenvolvimento dos livros do autor. Quando se lê Guimarães Rosa, não se pode entrar em seu mundo com ideias e padrões prontos, já fabricados. Temos que entrar com a mente aberta e disposta a aceitar novas visões de mundo e assim utilizamos uma nova compreensão do mesmo. Com isso, temos os frutos das obras de Rosa que modificam nossa visão, faz com que entendamos a literatura como algo bem maior.

[...]. Justamente para ressaltar a diferença e mostrar as leis próprias do universo de Guimarães Rosa, cuja compreensão depende de aceitarmos certos ângulos que escapam aos hábitos realistas, dominantes em nossa ficção” (CANDIDO, 1964, p. 123).

Sendo assim podemos pensar em uma subjetiva meta-literatura em suas obras. Guimarães Rosa nos traz um novo regionalismo, um regionalismo quase metafísico, porque não se trata de um regionalismo cotidiano, fala-se em uma revolução do século XX, Guimarães usa o vocabulário reinventado e sertanista,

com novas palavras, escreve de forma simples e rústica, porém trata de uma coisa extremamente complicada, a desordem, subversão e o conflito que permanece incluso de nós mesmos, escrevendo de maneira poética.

Uma característica bastante marcante e bem presente e que se pode ver em várias obras roseanas, inclusive neste conto, é o conflito interno. Nota-se Jó Joaquim, que luta para ser um homem íntegro, incorruptível e honrado resistindo por essa pureza idílica em que ele acredita que Vilíria tem, lidando com os julgamentos do povo, apontamentos e a si próprio.

Guimarães usa o vocabulário reinventado e sertanista, com seus neologismos, como vemos com “abusufrutos”, com novas palavras, escreve de forma simples e rústica, mas sofisticada tratando de uma coisa extremamente complicada, a desordem, subversão e o conflito que permanece incluso de nós mesmos. Escrevendo de maneira poética.

Outro detalhe que vemos com grande presença são as ações e consequências. Mostra como é difícil conviver com tais decorrências, como nossas escolhas têm seus pesos e influência sobre outras pessoas, e até que ponto essa nossa influência nos muda, nos transforma, Jó Joaquim nos mostra que ele permanece o mesmo por todo o conto, com muita paciência, entretanto algo que não notamos é o seu amadurecimento perante a vida e a ele mesmo.

O que o leitor espera e almeja é a resolução dos problemas de Jó, porém isso não é completo, e o personagem não cresce, ele desenvolve na estória, mas não é possível ver um crescimento, o que impede de isso acontecer é a paixão cega por Vilíria, e a esperança de que ela ainda é pura no sentido de amar Jó Joaquim e ser fiel a ele. Jó Joaquim em seu desespero mais profundo começa a criar em sua própria cabeça e também espalha boatos de que jamais houve traição, para se sentir confortável, criava uma nova realidade. “Nunca tivera ela amantes! Não um. Não dois. Disse-se e dizia isso Jó Joaquim. [...] Jó Joaquim, genial, operava o passado – plástico e contraditório rascunho. Criava nova, transformada realidade, mais alta. Mais certa?” (p.48).

Jó Joaquim é uma personagem que vive no limite, no alcance do aceitável e do julgável, do bem e do mal, da paciência e da ansiedade, do pecado e do puro e claro seu amor explicita isso ainda mais com sua vivência no idílio romântico, sonhando, iludindo-se com um amor que talvez só exista dentro dele e beira a idolatria pela amada, lutando contra os aspectos realistas da obra

“Desenredo”, contra as traições e as imperfeições que Vilíria possui. Jó é um personagem que nos ensina muitas coisas, como ser e como não ser, agir de forma paciente, perseverar, ser íntegro, apesar da sua idolatria, ele nos mostra que seguir rumo aos seus sonhos e desejos ainda sim é uma forma válida de amar e buscar ser amado.

3 LIVROS SAPIENCIAIS

3.1. O QUE SÃO LIVROS SAPIENCIAIS

Não existem meios de fazer uma análise sem sabermos a base dela, neste caso a sua base são “Os Livros Sapienciais de Jó”. Dentro desta obra, temos uma grande guerra dentro da personagem principal. Ela passa por muitos momentos, como conhecer a verdadeira face de alguns acontecimentos em sua vida, tem infinitos aprendizados pelo seu caminho e cada aprendizado influi de maneira direta e indireta. Para ir à busca de sua felicidade, Jó modifica quem ele é, como ele vê a vida, muitas vezes seus olhos veem uma vida triste, desesperada e depressiva, mas não consegue arriscar-se e enxergar a vida de forma esperançosa e vívida.

A palavra sapiência significa “sabedoria divina”, ou seja, o “Livro de Jó” foi escrito para ensinar uma lição de vida, para mostrar como agir perante uma provação ou até mesmo aplicar uma lição de vida. Ela passou por diversas provações, e os livros sapienciais o trazem como um exemplo de fidelidade aos seus princípios e vivências.

O Livro de Jó, obra-prima entre os livros sapienciais, digno de figurar entre as melhores obras da literatura universal, é um poema dramático-religioso que discute, em profundidade e com veemente paixão retórica, o tema universal da transformação do homem. Em conexão com esse tema, trata do sentido do sofrimento na vida humana e da doutrina da retribuição (GARMUS, 2001, p.451).

Assim, o “Livro de Jó” será analisado de forma a valorizar sua base literária, como Ludovico Garmus disse na citação logo acima: “[...] Uma obra prima entre os livros sapienciais, figura entre as melhores obras da literatura universal e um poema dramático religioso [...]” Com isso, o estudo se dará com o Livro de Jó sendo uma obra literária, percebendo seus pontos fortes e fracos na construção da história, narração, contexto, aperfeiçoamento e desenvolvimento dos personagens.

Como foi salientado acima sapiência significa sabedoria divina, ou seja, como a Bíblia foi escrita por separações em diversos livros, este vem para aplicar uma ‘moral da história’, para servir de exemplo para as pessoas que viviam naquele tempo e também para deixar o registro para as futuras gerações.

Compreender algo que já foi escrito há tantos anos e que muitas vezes já foi mal interpretado, é algo difícil e é também por isso que não sabemos se a história de Jó realmente existiu, o que se sabe é que o escritor João Guimarães Rosa buscou nela uma inspiração.

Neste caso a Bíblia será analisada, compreendida e lida apenas como um livro, será observada sua literatura, seu contexto social, histórico e sua forma de escrita. Interessante notar também o modo como as passagens vão se desenvolvendo ao longo do Livro de Jó. O modo como é narrado, contado, leitura que o texto por si próprio nos instiga a ler, a ênfase que certas partes necessitam. É importante notar também que em alguns momentos a sensação que nos passa é de melancolia, um certo pesar ao ler e pode-se pensar que é exatamente isso que o Livro de Jó nos propõe a sentir e a passar por isso.

O Livro de Jó não é, como poderia parecer ao leitor apressado, uma estéril discussão filosófica sobre o sofrimento, por ocasião de uma terrível tragédia, somente superada com a fictícia intervenção de Deus, que restabelece seu Servo Jó na feliz situação primitiva. O objetivo do livro não é mostrar como Jó supera a desgraça, para voltar a ser o que era antes, mas analisar e celebrar a radical transformação de um homem inesperadamente reduzido a extrema miséria e humilhação, mas reerguido através do sofrimento, a outro nível de existência, mais autêntica e mais humana, mais meritória e mais gloriosa que a primitiva (GARMUS, 2001, p. 652).

3.2. A VIDA DE JÓ: SUAS PROVAÇÕES, TRANSFORMAÇÃO E SEUS APRENDIZADOS

O “Livro de Jó” traz a história de sofrimento de Jó, que nasceu na terra de Hus. O livro começa mostrando tudo o que pertence a Jó; ele tem inúmeras posses: muitas cabeças de gados, ovelhas e outros animais. Ele tem muitos filhos e filhas. Um homem que não possui só bens materiais, Jó é honesto, íntegro, justo e muito digno. Ou seja, Jó sempre se mostrou correto, honrado e incorruptível, bom para seus filhos e sua família. Talvez sua característica mais presente e notória seja a sua devoção e submissão a Deus, e isso se torna mais forte ao longo do texto.

Quando se fala em Satanás neste livro da Bíblia, é usada a acepção de “acusador, caluniador, adversário” e não exatamente como a definição comum de “demônio”. Satanás acusa Deus de superproteger Jó e que na primeira crise

Jó cairá em tentação e abandonará Deus e sua palavra. Deus, confiando, deixou que Satanás tomasse conta da vida de Jó, para provar que por mais que inúmeras intempéries o acontecessem, Jó se manteria fiel a Deus e ao seu sofrimento. Neste momento Satanás vem conversar com Deus, depois de muito tempo percorrendo a terra.

A primeira provação das quatro contra Jó começou, ele teve seus animais queimados, seus filhos mortos e a sua casa destruída. Quando Jó soube disso, ele raspou o seu cabelo e rasgou seu manto. E disse: “Nu saí do ventre de minha mãe, nu para lá hei de voltar. O Senhor deu e o Senhor tirou; bendito seja o nome do Senhor!” (Livro de Jó, p.654).

Jó passa por quatro provações as chamadas quatro desgraças. E nesta passagem inicia a sua segunda provação. Jó tem uma úlcera e fica em estado gravíssimo. E até mesmo sua esposa disse-lhe: “Amaldiçoa a Deus e morre”, pois ela deseja que Jó cometa um pecado contra Deus. Outra passagem bem importante no Livro de Jó acontece na primeira intervenção dos três amigos de Jó. Seus amigos, vendo como era grande e dolorosa a dor de Jó, despem-se e ficam sentados no chão com Jó no por sete dias e sete noites. Com tantos sofrimentos e lamúrias, Jó amaldiçoa o dia de seu nascimento, a existência humana, a sua vida e a Deus, com isso ele profere um grande pecado.

Já na continuação do Livro, Elifaz recomenda que Jó se resigne. Aconselha que ele assuma seu sofrimento, não se revolte contra Deus, e então no lugar da revolta e indignação Jó deveria recorrer a Deus com submissão e se reconciliar com o mesmo.

Elifaz ainda aconselha a Jó que toda essa situação que está passando é restauradora, pois serve para Deus corrigi-lo quanto pessoa e também como servo, ainda orienta que Jó tire proveito da lição que está recebendo, pois tudo isso serve para um proposito maior, para um ensinamento, aprendizagem e para vivência de Jó.

Neste momento Jó não segue o conselho de Elifaz e se indigna com seu sofrimento novamente e principalmente com o abandono dos amigos. Como Jó passa por muitos momentos ruins, muitas provações, muitos sacrifícios e sua vida é uma lástima, Jó não suportando mais a sua cruz, não entende que a sua fé deve superar seus medos e os limites da razão humana. Baldad aconselha Jó a continuar perseverando em sua vida, não praguejar a si mesmo e nem a Deus,

manter-se firme em seu propósito, pois ele pode fraquejar mais do que está fraquejando e isso só acarretaria em maior sofrimento para Jó. Portanto Jó deve aguardar seu sofrimento, rezar e pedir a Deus por misericórdia e esperar que ele restaurará sua vida de forma completa.

Sofar repreende Jó e mostra que a sabedoria de Deus transcende a ignorância do ser humano que não compreende Deus e nem conhece a si mesmo. Jó assim se sente muito sozinho, não tem a presença dos amigos e nem sente a de Deus. Porém, em seu novo discurso Jó retoma a certeza de sua fé, esta esperança ajuda a estimular a confiança de Jó em Deus e pedir seu auxílio, mesmo assim Elifaz repreende Jó e diz que tudo isso está acontecendo porque em algum momento Jó pecou e agora deveria tomar conhecimento de seus pecados e se reconciliar com Deus assim fazendo uma conversão.

Jó almeja que Deus fale com ele, o escute sobre seu problema, embora para que ele volte a sentir a presença divina é preciso que ele tenha a confiança em Deus e realmente se entregue, pois é confiando em Deus que o sofrimento do enfermo torna possível de ser carregado e futuramente curado. Não existe salvação sem entrega, e misericórdia sem glorificar ao divino.

Finalmente, após tantas lamúrias, sofrimentos, e pesares tem-se a Intervenção de Deus, que tem como objetivo despertar em Jó a sua consciência de que a sabedoria divina transcende a sabedoria humana, vai muito além de seu entendimento e conhecimento. “Então o Senhor interpelou Jó e disse: Quem criticava o Todo-poderoso quer discutir? Quem assim crítica a Deus, que responda!” (Livro de Jó, p. 679).

Então Jó reconhece a sua pequenez diante de Deus, reconhece que seus entendimentos não são profundos o suficiente para entender ou questionar os mandamentos de Deus, chegando a essa conclusão por meio de uma reflexão. Jó entende que não é possível ver o Deus exterior que tanto procurou, mas consegue sentir o Deus interior da humildade e comunhão, o Deus que Jó nunca procurou.

4. A INTERTEXTUALIDADE PRESENTE NA OBRA DESENREDO

4.1 E PÔS-SE A FÁBULA EM ATA X CONTOS SAPIENCIAIS – INTERTEXTUALIDADE

Entende-se intertextualidade aqui neste contexto como uma superposição de um texto literário a outro, muitas vezes pode ser o ponto de partida de outros textos, uma inspiração, influência ou até mesmo com referências visíveis ao outro texto, como é o caso de “Desenredo”, em que sua intertextualidade é bem visível e pode ser analisada com bastante clareza e firmeza. Em alguns momentos, a intertextualidade pode se dar a uma leitura em cima de outra obra, não apenas uma influência ou referência, mas sim uma leitura mais profunda com simbolismos mais enigmáticos.

A intertextualidade é um recurso que muitas vezes escritores utilizam para expandir o conhecimento de mundo do leitor, para arquitetar sua obra ou para engrandecer sua obra. Encontramos intertextualidade quando olhamos a referência de cada texto, às vezes a menção é sutil, outras vezes o autor nos deixa claro o que estamos lendo e de onde ele mencionou aquela intertextualidade.

Pode-se entender também a intertextualidade como um diálogo entre duas ou mais obras, e ela pode ser feita também como um complemento de outra obra para tentar terminar ou deixar claro o que o outro texto não deixou, ou pode vir para questionar, levantar questões sobre padrões encontrados no primeiro texto.

Não há somente uma, mas sim várias possíveis intertextualidades e leituras encontradas na obra “Desenredo”. Aqui será analisada apenas uma. O “Livro de Jó”, segundo alguns estudiosos, foi produzido e escrito em séculos XI e X a.C., e segundo os mesmos era mais uma lenda folclórica, algo que circulava pelo Oriente Médio, como uma fábula com moral da estória, que pregava que devemos sempre ser fiéis e confiantes em Deus.

O conto “Desenredo”, de Guimarães Rosa, foi publicado em 1967, quando ocorria um marco literário de que tudo se tornou mais sutil e subjetivo mais um indício para entendermos Jó Joaquim como Jó da Bíblia. O que definitivamente acontece é um entrelaço dentro das obras, como se elas se entendessem, completassem e até mesmo se ironizassem.

Logo acima foi salientado que o “Livro de Jó” também é uma fábula, agora entenderemos o porquê. O “Livro de Jó” é tido como um Conto Sapiencial, e sapiencial quer dizer Sabedoria Divina, ou seja, este livro vem para nos dar um exemplo de moral, ele quer nos mostrar algo, quer que nós aprendamos algo. E quando Guimarães Rosa termina seu conto, ele diz: “E pôs-se a Fábula em ata”, ou seja, fábula em seu significado puro e denotativo quer dizer: “Narrativa curta, com o objetivo pedagógico e moral”, portanto entende-se que o conto de Guimarães Rosa vem nos ensinar também, quer que nós aprendamos algo como no “Livro de Jó”.

“Jó Joaquim, cliente, era quieto, respeitado, bom como o cheiro de cerveja. Tinha o para não ser célebre” e assim inicia-se a obra de “Desenredo”. Jó Joaquim era um homem bom, que tinha o respeito de sua comunidade. O Jó bíblico era um “homem íntegro e reto, que temia a Deus e se mantinha longe do mal”. Aqui se pode ver a grande semelhança entre os dois: homens honrados, incorruptíveis e que viviam bem em suas situações cotidianas.

Contudo, o mal chega para os dois assim. Jó Joaquim “pegou o amor”, como quem pega gripe, ou alguma doença, pois nesse caso era quase uma doença: Vilíria era casada. Jó Joaquim teve enfim seu momento de desastre quando apanhou Vilíria e o amante juntos (“o trágico não vem a conta-gotas”), e assim aconteceu, Jó Joaquim ficou extremamente mal e se separou de Vilíria. Para o Jó bíblico, o trágico veio mais cedo: perdeu sua família, seus bens materiais e seus animais de pastoreio. Foram ambos amaldiçoados e jogados ao destino cruel. “Chegou a maldizer de seus próprios”, ou seja, chegou a desdenhar e amaldiçoar a si mesmo e sua vida, como Jó bíblico futuramente irá fazer, praguejar, pois não consegue mais suportar tamanho sofrimento.

Em “Desenredo”, Jó Joaquim então vai ao franciscanato, onde passa muitos e muitos anos, assim como o Jó bíblico sai para enfrentar seu destino: ele peregrina por diversos lugares, carregando sua “cruz”. Cada momento de desafio é chamado de “As Provações”, diga-se de passagem que Jó bíblico sofreu muitas provas, mais até do que Jó Joaquim, pois as provas de Jó bíblico eram físicas, emocionais e familiares, já as de Jó Joaquim eram mais emocionais.

Jó Joaquim passa por sua segunda prova que é ver Vilíria o traindo de novo. Jó bíblico pensa ser traído por Deus neste momento, pois Deus não fala

mais com ele, ou então ele não consegue escutar. Neste contexto os dois personagens se sentiram traídos e amedrontados pelas circunstâncias do destino. Entretanto, Jó Joaquim não se cansava, decidiu dar mais uma chance a Vilíria e ao amor que ele sentia, pois ele dependia até mesmo emocionalmente dela e do seu apego doentio por esta mulher que lhe trouxe o pecado, esse que Jó abraçou com todas as suas forças.

“Tudo aplaudiu e reprovou o povo, repartido” assim é a sociedade em que Jó Joaquim vive, em meio a provação de sua vida, e a população participa junto com o leitor, como se o narrador estivesse contando para os leitores e para os espectadores que estavam lá presentes no conto. O povo de Desenredo se divide entre julgar Jó e entre apoiá-lo, porém o povo de Jó bíblico o julga tanto como se ele estivesse perdido sua fé na vida e em Deus, dizem para ele se revoltar contra esse Deus que o faz sofrer.

Pode-se notar também que Jó Joaquim delira em alguns momentos, ele não tem certeza sobre o que está passando, em alguns momentos ele celebra a vida e o amor de Vilíria em outros momentos ele se torna triste, amargurado, com Jó bíblico também é assim, em alguns momentos vangloria a Deus em outros pragueja e deseja não ter nascido, ou pensa que seu sofrimento será eterno porque Deus não olha mais por ele.

[...] Mostrando o dilaceramento de um homem tomado entre o bem e o mal, debatendo sem repouso a validade da sua conduta. Homem que passa a vida espantado com o ente que surgiu de dentro dele a determinada altura, surpreendendo-o, levando-o a sentimentos e atos que não condiziam com a sua existência corriqueira” (CANDIDO, 1964, p. 119).

O que se sabe acima de tudo entre estas obras e suas intertextualidades é a de que tanto o Jó bíblico como Jó Joaquim procuraram em toda a sua vida a felicidade a todo custo, o amor, a paixão para viver, o entusiasmo para continuar seguindo seus caminhos e suas vidas. E foi a esperança de uma vida melhor, ou de uma vida ao seu agrado que fez com que eles fossem a busca desse objetivo e em busca de mudanças, isso os impulsionou.

“Talvez se justifique a sua presença como contraveneno, pois trata da busca da felicidade, do desejo fundamental do homem, que é ser feliz, fugir ao sofrimento, encontrar a fórmula do júbilo e é possível da plenitude” (CANDIDO, 1964, p. 118).

Uma intertextualidade interessante e possível também acontece se compararmos Eva de Vilíria. Eva era realmente a pecadora? Só a Eva era? “Foi Adão dormir e Eva nascer.” Isso ocorre em *Desenredo* quando Vilíria sai de uma traição e depois traí Jó novamente, é como se pudesse pensar que Vilíria trouxe o pecado como Eva trouxe a maçã para Adão, porém, Adão escolheu comer do fruto, em *Desenredo* Vilíria traz o pecado consigo, contudo é Jó quem decide usar esse pecado e criar um relacionamento com Vilíria.

Vilíria realmente poderia ser considerada a tentação ou o fraquejo de Jó? Ambos quem sabe, o que realmente é interessante notar é que Jó Joaquim e Vilíria passam por várias formas de amor, o amor clandestino de quando está traindo o esposo de Vilíria, o amor impossível quando Vilíria trai Jó Joaquim, e ele decide ir para o franciscanato. O fato é de que Jó Joaquim buscou sempre a felicidade ao lado de Vilíria e sempre se dispôs a tudo para consegui-la. “Três vezes passa perto da gente a felicidade. Jó Joaquim e Vilíria retomaram-se, e conviveram convolados, o verdadeiro e melhor de sua útil vida”. (Rosa, p.40, 1967).

Quando João Guimarães Rosa coloca uma fábula em ata, é como se tornasse tudo aquilo que era ficção e que tínhamos o pacto ficcional, transformasse tudo isso em verdade, toda essa estória em história verdadeira. Um conto sapiencial como a bíblia trata O Livro de Jó é um ato idêntico ao que João Guimarães Rosa fez. Não se sabe se Jó bíblico realmente existiu o que sabemos é que o conto surge para trazer uma lição de moral ao leitor, e o intuito de uma fábula também é esse.

O que se vê em Jó Joaquim e Jó bíblico é uma audácia pela vida, uma sede viver, e viver já, viver o hoje, onde nada pode esperar. Estes homens, pecaram, amaram, sofreram intensamente suas perdas, seus machucados físicos e psicológicos, tiveram imensas lições da vida, de Deus e das pessoas que passaram em sua vida, coisas boas e ruins.

Estes homens são extremamente parecidos e quando João Guimarães Rosa se inspira ou se refere a Jó bíblico e traz para perto da sua obra este personagem, Rosa aproxima estes dois homens como irmãos, quase possuem quase a mesma alma, os mesmos desejos e eles sim cometem os mesmos erros, na verdade é como se eles errassem juntos, mas crescessem juntos e

evolúissem juntos para se tornarem pessoas bem maiores, seres melhores e aprendizes da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Guimarães Rosa, com sua maneira simples e ao mesmo tempo densa, teve além de suas obras, uma vida mística, perpetuada por mistérios e coincidências. Isso contribui em suas obras, que são não têm muitas vezes um significado específico, tornando-se abertas ao entendimento do leitor. Nas reflexões que nos traz em “Desenredo”, vemos uma profunda ligação com o eu e seus questionamentos. Esta obra representa nossas crises existenciais, nossa desordem com nosso eu interior, o conflito que temos a cada dia.

O conto em si tem um tom poético muito forte. A escrita de Guimarães Rosa tem um modo de leitura fluida. Mesmo com neologismos e palavras mais robustas, o escritor consegue dar um tom leve e profundo ao mesmo tempo. Em “Desenredo”, não conhecemos só o conto: vemos indícios do próprio escritor.

Em “Desenredo”, temos várias possíveis intertextualidades, que possuem presença forte no conto. Neste texto, foi analisada apenas uma das inúmeras interligações com outras obras. O “Livro de Jó” foi utilizado para fazer essa intertextualidade, pois as personagens se arrematam, se concluem, elas são constituídas de uma maneira peculiar, parecidas. Jó Joaquim e o Jó bíblico passam por inúmeras provações em suas vidas, até conseguirem o que almejam. As duas personagens enfrentam a vida de uma maneira diferente, com muita perseverança e esperança.

Jó Joaquim entende seus desejos e canaliza-os de forma mais brusca, sem pensar nas consequências quando encontra o amor pela primeira vez. Ele passa por vários altos e baixos em sua vida, tenta se recuperar de um amor impossível, erado e mundano, por fim não consegue, mas se reconcilia com a vida e com sua amada. O Jó bíblico tem uma vida mais profunda, com problemas mais intensos: a perda de sua família, de seus bens e de sua fé em partes, pois quando deveria confiar em algo maior, desistiu e precisou de “correções” para se tornar alguém melhor e alcançar seu máximo como pessoa ao final do livro.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política.** São Paulo: Brasiliense, 1993.

CANDIDO, Antonio. **Tese e Antítese.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964.

GARMUS, Ludovico. **Revisão exegética da Bíblia Sagrada.** Petrópolis, RJ. Editora Vozes: 2001.

LIMA, Alessandro. **O Cânon Bíblico - A Origem da Lista dos Livros Sagrados.** São José dos Campos-SP: Editora COMDEUS, 2007.

ROSA, João Guimarães. **Ficção completa.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

_____. **Tutameia - Terceiras Estórias.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.